



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

### ERRÂNCIAS DA SEXUALIDADE: OS ENCANTOS MORTÍFEROS DA ADICÇÃO

Angeli Raquel Raposo Lucena de Farias; Hermano de França Rodrigues

UFPB - angeliraposo@hotmail.com / UFPB - hermanorg@gmail.com

A sociedade contemporânea se vê, cada vez mais, invadida por condutas pulsionalmente narcísicas, com destaque para o hedonismo, o imediatismo, as satisfações momentâneas, a fragilidade dos laços afetivos, a supervalorização da imagem, em suma, um vasto repertório de “atuações”, nas quais prevalecem o *ter* em detrimento do *ser*, ou simplesmente, do *vir a ser*. Nesse processo mortífero de subjetivação, deparamo-nos com enquadres marcados pela desterritorialização do sujeito que, à deriva em seu desejo, lança-se em elaborações bastante debilitadas, adentrando, desesperadamente, no campo das compulsões (por compras, comida, manifestações corporais dismórficas) ou perdendo-se no campo das adicções, seja através da toxicomania ou das adicções sexuais. Neste trabalho, em particular, debruçaremos sobre a adicção sexual feminina, em sua expressão ninfomaniaca – procurando compreendê-la à luz dos conceitos psicanalíticos de pulsão de vida e de morte. Para tanto, examinaremos a película *Diário Proibido* (2008), dirigida por Christian Molina. Esse filme projeta a história de uma mulher encapsulada numa compulsão ao sexo, capaz de distorcer-lhe os afetos e os vínculos, tornando-a um fetiche de si mesma. A sexualidade perde, aí, seu caráter fantasístico, convertendo o ato sexual em imperativo, o que revela a baixa habilidade do adicto em controlar a sua capacidade pulsional, em decorrência de uma falha no que se refere ao autoerotismo. A emergência do sexo, a satisfação de um gozo narcísico, a falta de um objeto de afeto e de desejo conduzem a personagem a uma vivência dolorosa, onde *Eros* cede aos sortilégios de *Tânatos*, numa lógica que se repete insaciavelmente. Nossa abordagem, de veios psicanalíticos (pós)freudianos, sustenta-se nos trabalhos desenvolvidos por Joyce McDougall (2001) e Décio Gurfinkel (2012).

Palavras-chave: Cinema – Psicanálise - Adicção



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## INTRODUÇÃO

“Já me perguntaram o que sinto quando faço amor. É como uma mistura de energia com a outra pessoa que me faz viajar e chegar ao céu. A energia do meu orgasmo é como uma pequena parte de mim que se mistura ao universo. É uma viagem espacial que me leva ao infinito” (Relato da personagem Valère – Filme Diário Proibido, 2008)

A sociedade contemporânea alberga contextos sociais e culturais narcísicos, com destaque para o hedonismo, o imediatismo, o prazer momentâneo, as relações frágeis e egocêntricas, a cultura do corpo, a supervalorização da imagem, as necessidades exacerbadas, onde prevalecem o ter e o consumo. Nesta configuração, enquadra-se a busca incessante por prazer, perpassando pelo campo das compulsões por compras, comida, manifestações corporais dismórficas, adentrando no campo das adicções, seja através da toxicomania ou das adicções sexuais.

É sobre adicção sexual, esta busca desenfreada e incessante pelo prazer sexual, que este trabalho pretende se debruçar. O campo da sexualidade é largamente estudado por diversos campos científicos e, visando complementar o arcabouço de discussões, propomos um estudo que situa a sexualidade num cenário contornado por performances e atuações incomuns. É nesse território, assaz plástico, que surge a adicção sexual, cujo funcionamento merece ser revisitado, compreendido e debatido. Para tanto, optamos por uma abordagem psicanalítica, de veios (pós)freudianos, numa correlação entre elementos metapsicológica e psicopatológicos. Nossas reflexões irrompem-se do exame semiótico do artefato fílmico *Diário proibido*, em que a protagonista experimenta os efeitos mortíferos de uma adicção sexual, marcada pela emergência de um desejo de obter o gozo, num estado de “além do limite do prazer”.

No adicto sexual, é possível analisar a primazia do gozo pela repetição do ato na busca e acesso infundável de objetos sexuais, no sentido de que o *outro*, em inúmeras vezes, é alvo



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de um processo de despersonalização, coisificação. É nessa lógica – enredada em fios perversiformes -, que se inscreve a defasagem da capacidade fantasística e a ausência de autoerotismo. Preso ao trauma, o adicto cede à voracidade primitiva e aos impulsos de Tanatos, que bloqueiam brutalmente o poder de Eros, mortificando-o.

### ADICÇÃO SEXUAL

No que concerne à terminologia dada ao desejo insaciável pelo ato sexual, existe atualmente diversas nomenclaturas, sendo tratado desde hipersexualidade, compulsão sexual, impulsividade sexual, comportamento hipersexual, toxicômano sexual, adicção sexual. Essa última será utilizada, aqui, segundo teorização de Freitas (2012), para quem o termo *adicção* atua tanto no campo da toxicomania, do alcoolismo e das demais dependências, como aos jogos, aos transtornos alimentares, à compra compulsiva e ao sexo, sem capacidade de controlar-se, impondo ao outro uma condição de dependente, de escravo.

Etimologicamente, a palavra “adicção” provém do latim *addictu*. Significa “escravo por dívidas”, acepção herdando da República Romana. McDougall (1989) elegeu o termo *addiction* (do inglês), utilizado como dependência da droga, cunhando o termo para o francês, destacando que *addiction* leva ao estado de escravização – portanto a luta desigual do indivíduo com uma parte de si mesmo (POSTIGO, 2010).

No adicto, a constante busca dos atos que podem lhe trazer o prazer psíquico e físico é marcada pela dependência a um objeto material ou uma situação realizada com demasiada voracidade. Impera-se, então, a escravidão, o obrigatório que domina e compele o sujeito a busca permanente ao objeto.

Contribuindo, Freitas (2012, p. 02)

Propomos pensar as adições como uma *toxicomania sem drogas*. Consideramos a adicção como o recurso a um objeto externo que para o adicto, representaria a única forma de obter prazer e de escapar do sofrimento físico/mental, cuja origem remonta, muitas vezes, a um traumatismo precoce. Trata-se de uma dinâmica



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pulsional – um modo de funcionamento psíquico – que, na tentativa de elaborar o traumatismo, reatualiza uma repetição que se situa para além do princípio do prazer.

É nesse sentido que McDougall (1995/1997) fala sobre a perda de capacidade fantasística do adicto, quando insere as adicções sexuais no panorama das “neonecessidades”, indicando o empobrecimento do plano do desejo na dinâmica pulsional do adicto. Para a psicanalista, a sexualidade do adicto perde grande parte de seu potencial fantasístico, “tornando-se imperativa – via única e imprescindível para que o sujeito atinja níveis basais de estabilidade e segurança intrapsíquica”. (Netto & Cardoso, 2013, p. 387)

Nessa seara, Freud adentra em suas primeiras reflexões sobre a compulsão à repetição, fortemente marcada nos adictos, citando o mecanismo da autoerotização, numa carta a Fliess, de 22 de dezembro de 1897. Nessa carta, ele relaciona todas as adicções com a masturbação, ou seja, com o autoerotismo, como sendo o protótipo da escravidão sexual, toxicomaníaca, entre outras. Segundo Naparstek (2008), Freud parece efetuar uma equação direta entre adicção e autoerotismo, localizando a adicção no lugar de substituição de um puro autoerotismo, sem sentido algum, sem estar articulado com a fantasia ou a palavra.

Dessa forma, a capacidade de desprendimento do objeto do gozo e a baixa capacidade fantasística do sujeito levam-no à repetição compulsiva do ato que lhe causa o prazer e lhe permite voltar a sua estabilidade psíquica, nem que momentânea.

Freud (1905) configura a sexualidade como porta de entrada para a compreensão da vida psíquica quando publica “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” em 1905, publicação que narra a natureza da sexualidade, sendo ela perversa-polimorfa. Traz o conceito da neurose e perversão, sendo a primeira o negativo da segunda, e recorreu pela primeira vez para o uso da pulsão, tratando inicialmente da pulsão parcial e de libido.

Para tanto, ele forneceu um conceito geral sobre a pulsão, num trecho acrescentado em 1910, que na sua essência não sofreria modificações futuras. Assim, ele fala,

“Por *pulsão*, antes de mais nada, não podemos designar outra coisa senão a representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulações que fluem continuamente, em contraste com a estimulação produzida por excitações esporádicas e externas. A pulsão, portanto, é um dos conceitos da demarcação entre o psíquico e o somático.” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 629)



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Num primeiro momento, o Pai da psicanálise assume a teoria da pulsão como a dualidade entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação, tematizando o dualismo entre a sexualidade impetuosa e o ego, que a princípio era uma instância psíquica dessexualizada. Num segundo ato, 1920 quando publica *Além do Princípio do Prazer*, os seus estudos sobre a pulsão são marcados pela dualidade ente pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tânatos). No primeiro momento, a pulsão sexual está ligada às excitações que surgem das diferentes zonas erógenas do ser; já no segundo momento, essa pulsão sexual é uma força inerente e pertencente ao organismo vivo que encontra sua primeira manifestação no id, que rege as pulsões. (Netto; Cardoso, 2012)

Dessa forma, a pulsão de vida está ligada à atividade pulsional que busca combinar indivíduos, famílias, povos em uma unidade, tendendo à manutenção e renovação da vida – Eros. Enquanto que Tânatos sugere a dissolução do ego, tendo um lugar teórico ao poder de uma pulsão destrutiva ou agressiva na vida psíquica, visando retorno ao estado do organismo supostamente anterior ao surgimento da vida, ao estado inorgânico.

Para Laplanche (2007b, p.12), a pulsão de morte é a sexualidade infantil funcionando de modo puramente anárquico. Ainda conclui enfatizando que “o ser humano tem obrigação de encontrar os meios de enquadrar (...) a sexualidade infantil perversa. Se não o faz, vai à morte, tanto à sua morte coletiva quanto à sua morte individual” (Laplanche, 2007b, p. 13).

Green (1988a) afirma que a meta da pulsão de vida visa garantir uma função objetualizante, enquanto que a pulsão de morte tem como função master realizar ao máximo uma função desobjetualizante através do desligamento. Assim, Serretti (2011) propõe que se acredita na presença atuando do mortífero de Tânatos na desorganização psíquica do adicto corroborado na proposição de Green (1988a) que refere

(...) a meta objetualizante das pulsões de vida ou de amor bem como consequência principal é a de realizar, mediante a função sexual a *simbolização* (Bion, Winnicott, Lacan). Tal realização é a garantia da intrincação dos dois grandes grupos pulsionais cujo caráter axiomático continua sendo, para mim indispensável para a teoria do funcionamento psíquico ( p. 64).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Birman (1991) contextualiza que

O conceito de pulsão de morte indica a dimensão do excesso presente no psiquismo, evidenciando o registro da força pulsional que não apenas ultrapassa os instrumentos existentes de simbolização, como também exige e impõe novas condições para o funcionamento dos processos de simbolização. Seria essa condição de excesso, produzida pela antinomia entre força pulsional e simbolização, que colocaria o sujeito frente a um desamparo insuperável, devido a incapacidade de domínio absoluto das pulsões (p. 156).

Assim, na compulsão à repetição, comumente estabelecido no adicto como forma aliviante da angústia, que encontramos o mecanismo da pulsão de morte por excelência. No fenômeno da compulsão à repetição, encontramos-nos com o caráter de violenta dominação sob a qual se encontra o sujeito na adicção, com a predominância da pulsão de morte no psiquismo e com um modo de funcionamento psíquico além do princípio do prazer. É, pois, esse mecanismo que vem clarificar esse modo de funcionamento que compele, escraviza o sujeito e o faz retornar a um mesmo objeto (Netto & Cardoso, 2012)

Concluindo, o psiquismo do adicto é dirigido pelo silencioso trabalho de Tânatos que é o responsável pela compulsão à repetição e, assim, pela busca de eliminação do objeto, que é a tentativa de reconstruir o narcisismo primário. Como explica Serretti (2011), o adicto se fixa a um objeto que é capaz de satisfazer tanto a vontade de Eros quanto a de Tânatos. O predomínio do sofrimento como o desejo de não mais sofrer e não mais desejar que daí resulte, mostram que a escolha do objeto no adicto é mais obra de Tânatos.

### ANÁLISE DO FILME

Como apoio ao tema da adicção sexual, utilizamos aqui a leitura da película Diário Proibido, que retrata a vida de uma jovem adulta que relata ser adicta sexual. Valére, de 29 anos, é uma empresária bem sucedida, que tem uma vida sexual intensa. A personagem possui um diário onde registra suas inquietações, atitudes íntimas e ações sexuais. É o local onde pode assumir sua adicção sexual.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sua compulsão sexual é retratada de diversas formas, desde está ligada a um relacionamento sério em que o imperativo do sexo está diuturnamente presente. Entre diversas cenas, duas são marcantes: uma quando após o final da relação ela pergunta a seu namorado porque ele não dorme com ela, e ele se justifica dizendo “dormir você não quer não?”. Na resposta negativa de Val, o rapaz altera a voz e exclama: “você nunca se cansa!”; e, em outro momento, ele revela a Val que tem outra mulher, e ela não demonstra nenhum tipo de problema. Ela exclama para ele que quer gozar a noite toda, enquanto ele discursa sobre o outro relacionamento e que precisam parar de se ver, tentando obter um diálogo com a mesma, quando, enfim, ele se irrita e verbaliza “você não entendeu, não consegue pensar em outra coisa! Será que você tem problema, não dá pra pensar o dia todo só em transar!”. Ele deixa a mesma, e pede para nunca mais ligá-lo.

Após este rompimento, a personagem relata ser mais um que a deixou no vazio e na solidão. Ela sai e encontra com outro completamente desconhecido, numa estação de ônibus, onde mantêm uma relação sexual. A respeito disso, Estellon (2005) fala sobre o *barabacking* que é uma prática muito realizada pelos adictos sexuais, que está no fato de ter relações sexuais com estranhos, totalmente desprotegidos, correndo o risco de contraírem uma doença sexualmente transmissível. Para o autor, esta prática está ligada às dimensões de desafio, transgressão e desligamento, evidenciando a aproximação entre sexo e morte.

Além desse relacionamento, a mesma mantém uma relação sexual com Hassan que, quando está na cidade em que ela reside, procura sempre encontrá-la e fazer com ela o que mais lhe dá prazer: a inserção de uma garrafa dentro de sua vagina, após várias horas de relação sexual. É com Hassan que é dito uma forma peculiar de descrever a personagem. Neste discurso, ele faz uma metáfora entre um cavalo difícil de domesticar e a personagem, dizendo que ela é mais difícil de controlar do que o animal.

Val não tem medo algum da perda do seu emprego, mesmo quando sua melhor amiga a informa, diversas vezes, sobre os cortes de profissionais que está havendo, e que ela deveria melhorar seu comportamento (Val chega ao trabalho atrasada, está sempre cansada e com dores). Segundo Netto & Cardoso (2013), a distinção entre as adições sexuais e outras



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

práticas sexuais excessivas que não chegam a constituir uma patologia se apoia sobre critérios de dependência similares aos de outras adições, particularmente sobre as consequências psicológicas, físicas e sociais induzidas por essas condutas. Numerosas relações sexuais por dia, jogos sadomasoquistas, trocas sucessivas de parceiros em pouco espaço de tempo e fetichismo exacerbado são atividades que podem ser exercidas pelo sujeito, sem que ele se sinta escravizado ou adoecido, não constituindo necessariamente um quadro patológico. A patologia se apresenta quando esses comportamentos estão associados a impulsos incontroláveis, ocupando quase a totalidade dos pensamentos do indivíduo, passando a determinar o seu modo de vida social, profissional ou familiar.

Após a morte de sua amiga e confidente, sua avó Marrie Tasso, Val decide seguir os conselhos de sua amiga de trabalho, que é relacionar-se com um único homem. Então o faz e consegue criar laços afetivos com Jaime. Ambos decidem construir uma vida juntos. Porém Jaime não era o homem encantador e educado que demonstrou ser no início. Era um homem ciumento, explosivo, inseguro que ainda usava drogas e batia em Val. Após o difícil fim do relacionamento, Val passa períodos sem nenhum desejo sexual, e quando este retorna, ela faz um comparativo ao desejo de comer (ação que ela também não estava realizando), e para saciar sua fome, ela decide adentrar no mundo da prostituição.

Nesse contexto, Netto & Cardoso (2013) citam Freud quando esse diz que “o reaparecimento da percepção é a realização do desejo” (Freud, 1900/1969: 595), não se tratando de uma satisfação de uma necessidade biológica, mas que se inscreve no âmbito a certo trabalho psíquico. Para Estellon (2002), é como se o *sex-addict* estivesse possuído por uma força misteriosa que o empurra para o ato e para a conquista. O excesso da pulsão sexual auto-hipnotiza o sujeito, tornando o agir imperativo.

Segundo Aulagnier (1985),

a satisfação proveniente da pulsão de morte não depende de um objeto, mas de um ato. Ou seja, é a única pulsão efetivamente autônoma, ao contrário da pulsão de vida que necessita investir em objetos para alcançar satisfação. A ausência de objetos que poderiam ser investidos por Eros a fim de satisfazer um certo número de ideais é o fator que deixa uma via livre para a pulsão de morte, cuja meta corresponde ao desejo do não-desejo ou à recusa de desejar. A pulsão de morte se manifesta como





## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

resposta ao excesso de sofrimento engendrado pelo excesso de trabalho psíquico vivido pelo sujeito (p. 164)

Assim, após suas investidas e aventuras sexuais, até mesmo chegando ao ponto de se sentir envolvida com um cliente, ela decide parar quando começa a entender o risco que corre estando inserida naquele mundo, em especial após a morte de Cindy, prostituta que a ajudou e aconselhava a personagem a abandonar aquele ambiente, e mais especialmente quando conhece uma cliente que ficou tetraplégica e conversa com ela sobre o dom da vida.

A partir disso ela vai numa busca de si mesmo, encerrando o filme nessa busca, onde ela não nega o que ela é, mas sim, que ela irá descobrir quem ela é.

### CONCLUSÃO

O hedonismo, as relações fragilizadas e efêmeras, a busca incansável pelo consumo e pelo prazer está caracterizando-se como marcas dessa sociedade. Neste caminho, insere-se as adições como busca aliviante para as frustrações e traumas.

Neste trabalho analisou-se as adições sexuais entendendo que o adicto cede sucessivas passagens para Tânatos – pulsão de morte. Entendendo as pulsões como um processo psíquico dinâmico que consiste como uma carga motriz que leva o organismo para um determinado objetivo. Neste contexto, Freud (1920) contextualizou a pulsão sexual como a dualidade ente a pulsão de morte e de vida. A pulsão de vida – Eros tem caráter construtivo da vida, a manutenção e renovação da vida. Enquanto que a pulsão de morte – Tânatos tem como característica o desligamento, do retorno do sujeito a situação anorgânica. Freud elaborou o conceito de pulsões de morte ao observar os fenômenos de repetição.

É neste contexto da compulsão a repetição que situamos o adicto sexual, quando ele age no imperativo do gozo, no limite do além do principio do prazer. O adicto, confinado na libido do ego, se priva da capacidade fantasística, sendo atacado pelo excesso de pulsão destrutiva.



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

Temos como conclusão que o adicto, sujeito marcado pelo trauma, busca nas substancias, no sexo, etc. como finalizante e/ou anestesiante de suas vivencias traumatizantes. O recurso ao ato adicto está relacionado aos períodos do desenvolvimento em que fracassou a integração dos objetos internos que tenderiam a minimizar o duelo das tensões pulsionais. Assim, com ausência da função contentora bem interiorizada, o sujeito adicto encontra-se sem anteparo diante as intensidades pulsionais, assim, cede mais facilmente aos impulsos compulsivos de Tânatos.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULAGNIER, Piera. **Os destinos do prazer. Alienação, amor, paixão.** Rio de Janeiro: Imago. 1985
- BIRMAN, Joel. **Freud e a interpretação psicanalítica.** Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1991.
- CONTE, M. **A clínica psicanalítica com toxicômanos: o corte & costura no enquadre institucional.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC
- ESTELLON, Vincent. **De l'angoisse à l'orgasme.** La métaphore auto-érotique en défaut dans la sexualité addictive. *Cliniques méditerranéennes*, 65(1), 183-202; 2002
- FREITAS, Victor Cruz de. **Auto-erotismo: uma discussão das adições.** Jornada de 50 anos do Círculo Psicanalítico do Brasil, 2012.
- FREUD, S. (1905/1969). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** *Obras completas*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer, in **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVIII, p. 11-78
- GREEN, André. **A Pulsão de Morte.** São Paulo: Escuta. 1988<sup>a</sup>
- LAPLANCHE, Jean. (2007b). **Excertos de uma entrevista com Jean Laplanche** (Entrevista concedida a Alberto Luchetti). *Estudos de Psicanálise*, 30, p. 9-16.
- MCDUGALL, J. **Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- NAPARSTEK, F., cols. **Introducción a la clínica com toxicomanias y alcoholismo I.** Buenos Aires: Grama Ediciones. 2008
- NETTO, Ney Klier Padilha; CARDOSO, Marta Rezende. **Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise?** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 3, p. 529-537, jul./set. 2012
- NETTO, Ney Klier Padilha; CARDOSO, Marta Rezende. **Colapso de Eros nas adições sexuais.** tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 45.1, p. 383-400, 2013



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

POSTIGO, Vanuza Monteiro Campos. **A paixão na adicção:** um estudo sobre passividade pulsional e violência psíquica. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SERRETTI, Maria Angélica Tomás. **Toxicomania:** um estudo psicanalítico. Mosaico: Estudos em Psicologia, 2011-2012, Vol. V, n.º1, p. 46-60.